

Intoxicação ainda mata na capital

CLAUDIO REIS/UNB AGÊNCIA

Médicos e enfermeiros no Distrito Federal não adotam os procedimentos adequados em casos de intoxicação por via cutânea, ingestão ou inalação de produtos tóxicos como raticidas e inseticidas. Apenas um terço de 360 pacientes envenenados no Distrito Federal foram internados, embora todos eles devessem ter ficado pelo menos em estado de observação. A falta de apoio adequado, pode ter contribuído para que quatro vítimas de intoxicação morressem.

A constatação faz parte da dissertação *Intoxicações por Agrotóxicos e Raticidas no DF em 2004 e 2005* defendida por Fernanda Maciel Rebelo, no mestrado em Ciências da Saúde na Universidade de Brasília (UnB), em setembro de 2006.

– Falta treinamento para que médicos e enfermeiros saibam os procedimentos corretos – alerta a pesquisadora.

Os dados da pesquisa foram obtidos no Centro de Informação e Assistência Toxicológica do DF, nas guias de atendimento de emergência (Gaes) e nos prontuários de hospitais públicos. Entre as diversas falhas detectadas por Fernanda, que foi orientada pela professora Eloísa Dutra Caldas, do curso de Ciências Farmacêuticas, a estudiosa aponta: menos de 1/3 dos pacientes que tentaram o suicídio foi encaminhado ao psiquiatra.

– Caso não haja tratamento, muitos farão novas tentativas – avisa a especialista.

Apenas 3% dos casos de intoxicação se deveram a acidentes de trabalho. Os demais



“A falta de apoio adequado na rede hospitalar do Distrito Federal pode ter contribuído para que quatro vítimas de intoxicação morressem

Fernanda Maciel Rebelo, mestre em Ciências da Saúde na UnB

97% aconteceram em casa. De acordo com a pesquisadora, esses percentuais revelam que ou não estão ocorrendo acidentes de trabalho ou ocorrem, mas não estão sendo notificados. Nesse caso, os trabalhadores, apesar de intoxicados não vão ao hospital, ou, se vão, não recebem o diagnóstico de intoxicação, uma vez que os sintomas do tipo crônico não são específicos e podem ser confundidos com outras doenças. Para reduzir o alto percentual de acidentes Fer-

nanda aconselha que o governo faça campanhas de conscientização sobre seu uso e armazenamento dos raticidas e inseticidas.

Procedimentos inadequados também estão relacionados aos exames e tratamentos realizados. De 141 pacientes atendidos em hospitais do DF, que deveriam ter feito o exame da enzima colinesterase plasmática em casos de envenenamento com carbamatos e organofosforados, apenas quatro fizeram. Dos 36 pacientes que receberam vitamina K, um an-

tíodo para pacientes intoxicados por raticidas cumarínicos, que apresentaram alterações no tempo de coagulação, apenas três pacientes deveriam ter recebido esse tratamento.

A lavagem gástrica adotada até 12 horas da intoxicação para limpar o organismo foi feita em 213 casos e a colocação do carvão ativado por meio de sonda nasogástrica, após a lavagem, em 33 pacientes. A farmacêutica suspeita que esse último método deveria ter sido realizado em um número bem maior de pessoas.

ARQUIVO JB

■Principais vítimas são as crianças

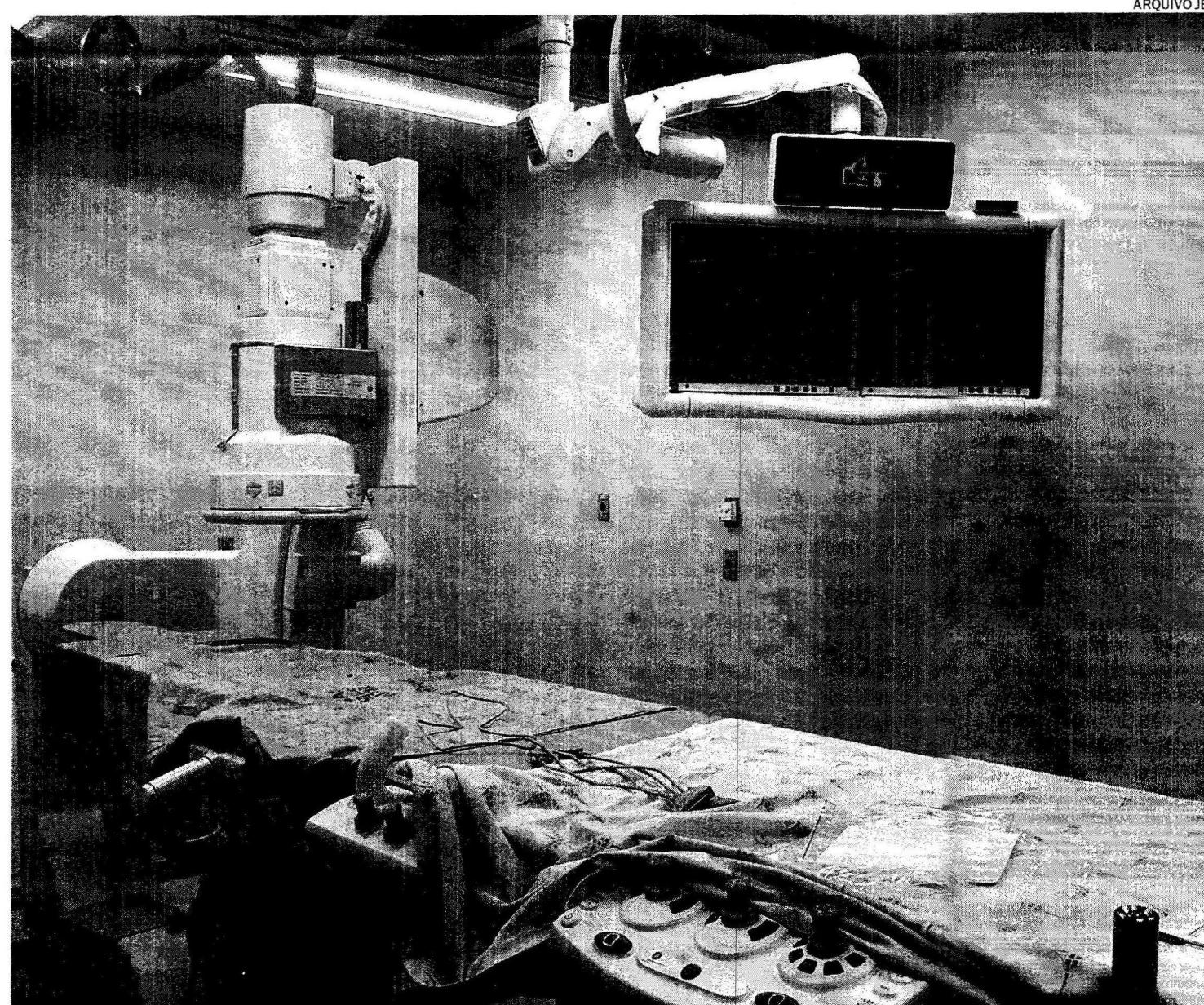
São dois os perfis principais de envenenamentos no Distrito Federal. Em primeiro lugar, crianças com até 5 anos, do sexo masculino, que se intoxicaram por acidente, principalmente, e constituem 31% da amostra. Em segundo, adultos e jovens entre 15 e 25 anos, que representam 11%, e são predominantemente mulheres que tentaram suicídio.

Crianças geralmente ingerem *chumbinho*, um raticida ilegal preparado a partir de um produto agrotóxico, mas que na aparência pode ser confundidos com chocolates por crianças.

– Deveria ser feita uma fiscalização por parte das vigilâncias sanitárias estaduais para evitar a venda e apreender essa substância – conclui Fernanda.

A causa das intoxicações foi diversificada. Em 43% dos casos, houve tentativa de suicídio, principalmente entre jovens e adolescentes, e em 41% acidentes individuais.

– Os pais devem ficar atentos para colocar essas substâncias em locais fora do alcance das crianças – adverte a pesquisadora.



Hospital brasiliense: médicos e enfermeiros deixam de prestar atendimento correto a quem chega com sintomas de intoxicação